



C-COMANDO INFLUENCIA O COMPORTAMENTO DE EPÍTETOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO?

CLAUDIA SOUZA COELHO*

RESUMO

Este trabalho apresenta alguns dos resultados de um experimento realizado em português brasileiro com epítetos em sentenças com *convencer* e sentenças com orações adjuntas. A assunção de que a distribuição dos epítetos obedece ao Princípio C da Teoria de Ligação (CHOMSKY, 1981) remonta a Lasnik (1976) e é controversa na literatura. Argumento que, apesar de essa assunção não ser capaz de explicar todos os resultados do experimento, o comportamento encontrado pelo experimento demonstra que a distribuição dos epítetos é sensível às configurações de c-comando dos estímulos. Sendo assim, acredito que as análises mais adequadas para os epítetos são as que levam em conta essa noção sintática além de restrições de ordem semântica/pragmática.

Palavras-chave: epítetos, c-comando, português brasileiro

ABSTRACT

This paper presents results from an experiment on epithets in Brazilian Portuguese, with sentences including the verb *convencer* ('to convince') and sentences with adjunct clauses. The assumption that the distribution of epithets is subject to Principle C of Binding Theory (CHOMSKY, 1981) goes back to Lasnik (1976) and is controversial in the literature. I argue that although this assumption is not able to explain all the results, the experiment shows that the distribution of epithets is sensitive to c-command configurations. Therefore, I believe that the most appropriate analyses for epithets are those that take into account this syntactic notion in addition to semantic/pragmatic restrictions.

Keywords: epithets, c-command, Brazilian Portuguese

* Universidade de São Paulo, USP. Agradeço a FAPESP pelo apoio, processos 2018/01470-4 e 2020/05241-0. Agradeço a Jairo Nunes e aos pareceristas do Caderno de *Squibs* por todos os comentários e sugestões.

1 INTRODUÇÃO

Lasnik (1976) propôs que epítetos se comportam como expressões referenciais no que diz respeito à ligação. Dentro da discussão sobre o estatuto dos sujeitos nulos do português brasileiro (doravante PB) e assumindo a proposta de Lasnik, Ferreira (2000) argumenta que, em uma sentença como (1a), com *convencer* e subordinada finita, o objeto da matriz pode ser o antecedente do epíteto encaixado, porque não c-comanda a oração subordinada. A sentença (1b), por sua vez, é apresentada por Nunes (2013) para demonstrar que tal relação de c-comando existe quando a oração subordinada é não finita, pois o objeto da matriz não pode ser antecedente do epíteto encaixado.

- (1) a. O João convenceu [a Maria]₁ [de que [a idiota]₁ deveria assaltar um banco]
 b. *O João convenceu [a Maria]₁ [a espalhar [que [a idiota]₁ ia renunciar]]

O contraste apresentado em (1) pode ser explicado pela proposta de Rodrigues (2004) de que a oração finita associada a *convencer*, ao contrário da oração infinitiva, tem comportamento de adjunto e, portanto, não é c-comandada pelo objeto da matriz.

Entretanto, a assunção de que epítetos obedecem ao Princípio C da Teoria de Ligação (CHOMSKY, 1981) é controversa. Modesto (2011, p. 17), por exemplo, questiona se epítetos realmente podem evidenciar relações de c-comando, argumentando que, em seu julgamento, o epíteto encaixado pode ter o sujeito da matriz como seu antecedente em (2), a seguir.

- (2) [O Maluf]₁ convenceu [o Diogo]₂ [que [o desgraçado]_{1/??2/3} era o melhor candidato]

Tendo em vista a divergência sobre o comportamento dos epítetos e a proposta de Rodrigues (2004) mencionada anteriormente, reporto aqui um experimento realizado por Coelho (2020) para verificar o julgamento de outros falantes nativos de PB para sentenças como (1) e (2) e sentenças com epítetos em orações adjuntas, buscando investigar qual seria o comportamento desses elementos nessas sentenças. Discutirei aqui os resultados para uma potencial correferência com sujeitos da matriz para argumentar que, apesar de o Princípio C não explicar os resultados encontrados, a distribuição dos epítetos apresenta sensibilidade a configurações de c-comando.¹

¹ Para maiores detalhes e discussão, ver Coelho (2020).

2 O EXPERIMENTO²

Considerando-se a divergência a respeito de epítetos em sentenças com *convencer* apresentada na seção anterior e a proposta de Rodrigues (2004) de que orações finitas com *convencer* ocupam uma posição de adjunto, as variáveis controladas pelo experimento foram *tipo de sentença*, *flexão da oração subordinada imediata*³ e *função sintática do antecedente*.⁴ A intenção era investigar se as sentenças com *convencer* e oração finita se comportariam como as sentenças com *convencer* e oração infinitiva ou como as sentenças com orações adjuntas e se tanto o objeto da matriz (cf. (1)) como o sujeito da matriz (cf. (2)) dessas sentenças seriam aceitos como antecedentes do epíteto encaixado. Os epítetos utilizados no experimento foram baseados nos adjetivos *idiota*, *sem-vergonha* e *vigarista*, por serem compatíveis com referentes masculinos e femininos.

QUADRO 1 — EXEMPLOS DAS CONDIÇÕES TESTANDO CORREFERÊNCIA ENTRE EPÍMETO E SUJEITO DA MATRIZ

Tipo de sentença	
Convencer	Adjunta
<i>Flexão da oração: Finita</i>	<i>Flexão da oração: Finita</i>
O Ivo convenceu a Ana [que o idiota recusou a propina]	O João despediu a Rita [depois que o idiota foi promovido]
<i>Flexão da oração: Infinitiva</i>	<i>Flexão da oração: Infinitiva</i>
A Ana convenceu o João [a dizer [que a idiota mentiu na reunião]]	O Ivo vai transferir a Ana [antes do idiota demitir mais pessoas]

Fonte: elaborado pela autora

O experimento foi aplicado presencialmente e por meio do *software* livre TP da Worken.⁵ No início do experimento, os participantes eram apresentados a um pequeno contexto para introduzir os quatro nomes que apareceriam nas sentenças: João, Ana, Rita e Ivo.⁶ Depois, escutavam os áudios das sentenças — gravados por uma falante nativa de PB — e, após cada áudio, respondiam a perguntas na tela como (3b) a seguir, selecionando uma

² O experimento foi aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, protocolo CAAE: 68901117.9.0000.5390.

³ Em um experimento piloto aplicado antes do experimento final, as duas possibilidades de flexão para as orações adjuntas foram computadas separadamente para investigar se existiria a mesma assimetria hipotetizada para as sentenças com *convencer*. Os resultados demonstraram que a flexão da oração adjunta não influenciava a resposta dos participantes. Assim, no experimento final, orações adjuntas finitas e não finitas foram agrupadas no mesmo tipo de estímulo, a fim de reduzir o número de sentenças-teste do experimento e reduzir sua extensão.

⁴ Sujeito da oração matriz ou objeto da oração matriz. Entretanto, o Quadro 1 apresenta apenas os estímulos em que o sujeito da matriz era relevante, pois esses serão o foco deste trabalho.

⁵ Disponível em: <http://www.worken.com.br/tp_regfree.php>.

⁶ O contexto apresentado aos participantes foi o seguinte: “O Ivo, a Rita, o João e a Ana são empresários que trabalham juntos e têm altos e baixos em suas carreiras. Escute as sentenças sobre diferentes acontecimentos e responda às perguntas que se seguem. As sentenças não formam uma história, são fatos isolados.”

entre as opções de resposta exemplificadas em (3c). As possibilidades de resposta foram randomizadas, aparecendo em uma ordem diferente para os participantes a cada estímulo.

- (3) a. **Estímulo:** A Rita convenceu o João que **a idiota** estragou a negociação.
 b. **Pergunta:** Quem estragou a negociação?
 c. **Respostas possíveis:** (i) a Rita (ii) ou Rita ou Ana (iii) a Ana

Se o participante escolhesse a resposta *ou Rita ou Ana* (codificada nos resultados como *ambos os antecedentes*) ou *a Rita* (*antecedente na sentença*) para uma pergunta como (3b), isso sugeria que ele aceitava a correferência entre o epíteto e o sujeito da oração matriz. Se o participante escolhesse a resposta *a Ana* (*antecedente fora da sentença*), não estava aceitando a correferência.

Cada estímulo testava a possibilidade de correferência do epíteto com um elemento fora da sentença e com *ou* o sujeito *ou* o objeto da matriz. Ou seja, sujeito e objeto nunca estavam em competição como antecedentes. Para assegurar isso, sujeito e objeto sempre eram de gêneros diferentes (se o sujeito fosse *Rita*, como em (3), por exemplo, o objeto seria *ou João ou Ivo*) e o gênero do epíteto indicava se o potencial antecedente intrassentencial era o sujeito ou o objeto. O antecedente extrassentencial sugerido nas opções de resposta sempre teria o mesmo gênero do epíteto e do potencial antecedente intrassentencial (em (3), *Ana*).

O experimento foi aplicado a 40 participantes, 14 homens e 26 mulheres, que nasceram e/ou cresceram no estado de São Paulo. Os participantes tinham entre 20 e 30 anos (média de idade de 23 anos), Ensino Superior completo ou incompleto e foram recrutados de diferentes faculdades da Universidade de São Paulo (exceto a de Letras).⁷ Seis participantes foram excluídos da análise estatística, pois deram mais de uma resposta incorreta para as sentenças de controle,⁸ o que indicou sua falta de atenção durante a realização do experimento. Também foram excluídos dois estímulos, pois apresentaram um padrão de resposta diferente dos demais estímulos de seu tipo.⁹ Assim, foram analisadas as

7 Depois do experimento, os participantes respondiam a um formulário que lhes perguntava a sua idade, local de nascimento, local de nascimento dos pais, tempo de residência no estado de São Paulo, nível de escolarização, se existia algum problema linguístico em suas famílias e se eles falavam outra língua além do português brasileiro.

8 O experimento contava com oito sentenças de controle como (ia), a seguir, e com perguntas (relativas às sentenças) que possuíam respostas corretas e incorretas. Essas sentenças foram utilizadas como um marcador da atenção dos participantes ao experimento; especificamente, participantes que dessem respostas incorretas (no exemplo a seguir, as respostas (ii) e (iii) em (ic)) para mais de uma dessas sentenças seriam excluídos da análise estatística.

- (i) a. **Estímulo:** O Ivo tirou duas semanas de férias e a Rita, quatro.
 b. **Pergunta:** Quem tirou menos semanas de férias?
 c. **Respostas possíveis:** (i) o Ivo (ii) ou Ivo ou Rita (iii) a Rita

9 Um dos estímulos com *convencer* e oração encaixada infinitiva, testando correferência do epíteto com o sujeito da matriz, e um dos estímulos com *convencer* e oração finita, testando correferência com o objeto da matriz, foram os únicos estímulos de seus grupos a apresentar um padrão de 50% de respostas aceitando a correferência intrassentencial do epíteto e 50% de respostas recusando essa correferência, indicando uma oscilação dos julgamentos. Por isso, as respostas para esses dois estímulos, apresentados em (iia) e (iib)

respostas de 34 participantes, 24 mulheres e 10 homens, a 81 estímulos (15 sentenças de familiarização, 36 distratoras, 8 sentenças de controle e 22 sentenças-teste), o que totalizou 2.754 observações. Trataremos aqui das 372 observações referentes aos estímulos envolvendo o sujeito da oração matriz.

3 O COMPORTAMENTO DOS EPÍJETOS

O uso de epítetos introduz muitos aspectos para análise, como, por exemplo, sua carga avaliativa, e não há consenso a respeito da natureza das restrições que regulam sua distribuição. Algumas análises propõem apenas restrições sintáticas para os epítetos, como a de Lasnik (1976, 1989), algumas são essencialmente restrições semânticas/pragmáticas, como a *Restrição de Antilogoforicidade* de Dubinsky e Hamilton (1998), e outras propõem restrições de ambas as naturezas, como a *Restrição do Anti-Juiz* de Patel-Grosz (2012) e a proposta de Johnson (2019).¹⁰

O experimento apresentado na seção anterior tinha como um de seus objetivos investigar se a distribuição dos epítetos em PB envolve restrições estruturais. Nesta seção, discuto alguns dos resultados, buscando demonstrar que, apesar de não ser suficiente para explicar o comportamento dos epítetos, a noção de c-comando é uma condição necessária. Vou focar nos resultados para os estímulos que testavam a correferência do epíteto com os sujeitos da matriz, exemplificados em (4) a seguir, assumindo que, em todos os três tipos de sentença, o sujeito c-comanda a oração subordinada/o epíteto. Como não existe, na literatura discutida na seção 1, controvérsia sobre essa relação de c-comando nesses três tipos de sentença, esse foi o tipo de estímulo escolhido para discutir o comportamento dos epítetos em relação a antecedentes que o c-comandam.

- (4) a. Sentença com oração adjunta:
A Rita promoveu o João depois da **sem-vergonha** ter apresentado o relatório.
- b. Sentença com *convencer* e oração finita:
A Rita convenceu o João que **a idiota** terminou o trabalho dentro do prazo.
- c. Sentença com *convencer* e oração infinitiva:
A Rita convenceu o Ivo a alegar que **a sem-vergonha** sabotou o projeto.

a seguir, foram excluídas da análise estatística.

- (ii) a. A Rita convenceu o Ivo a anunciar que a idiota vai promover todo mundo.
 b. A Ana convenceu o João que o vigarista vai receber um aumento.

¹⁰ Segundo a restrição de Dubinsky e Hamilton, um epíteto não deve ser antecedido por um indivíduo sob cuja perspectiva o conteúdo atributivo do epíteto é avaliado. A restrição de Patel-Grosz dita que um epíteto não pode ocorrer em uma sentença *s* se (i) a sentença é interpretada em relação a um juiz *j* que é idêntico ao antecedente do epíteto, e (ii) o antecedente c-comanda o epíteto. Para Johnson, um DP não deve ser correferente a outro DP que seja mais informativo e o Princípio C intensifica os efeitos dessa condição quando o DP mais informativo é c-comandado pelo menos informativo.

A Tabela 1, a seguir, apresenta o comportamento geral das respostas para cada tipo de sentença. O teste de qui-quadrado realizado demonstrou se havia diferença significativa entre a proporção de respostas aceitando a correferência entre sujeito da matriz e epíteto encaixado (soma das opções que representavam o antecedente na sentença e ambos os antecedentes) e a proporção de respostas recusando tal correferência (opção que representava o antecedente fora da sentença).

TABELA 1 — RESPOSTAS PARA O SUJEITO DA MATRIZ POR TIPO DE SENTENÇA

	* correferência	✓correferência	p	N
Adjunta	0.40 (55)	0.60 (81)	0.03959* ¹¹	136
Convencer Finita	0.54 (73)	0.46 (62)	0.3438	135
Convencer Infinitiva	0.73 (74)	0.27 (27)	7.546e-06*	101

Fonte: elaborada pela autora

Nas sentenças com orações adjuntas, houve uma aceitabilidade geral da correferência. Para as sentenças com *convencer* e oração infinitiva, tivemos o comportamento inverso, uma recusa geral da correferência. Já as sentenças com *convencer* e oração finita apresentaram um quadro geral de indeterminação, com um número maior (mas não significativamente maior) de respostas recusando a correferência.

A Tabela 2, a seguir, mostra que o comportamento dos participantes nas sentenças com orações adjuntas não foi inequívoco na direção de aceitabilidade da correferência, com 47% dos participantes aceitando-a (escolhendo as respostas com o antecedente intrassentencial ou com ambos os antecedentes). Para as sentenças com *convencer* e oração finita, tivemos 50% de recusa da correferência (resposta com apenas o antecedente extrassentencial) e os outros 50% se dividindo entre aceitá-la ou aceitá-la em metade dos estímulos e recusar na outra metade. Temos um quadro de indeterminação como o do comportamento geral das respostas. Já para as sentenças com *convencer* e oração infinitiva, 76,5% dos participantes recusaram a correferência e esse resultado corrobora o apresentado na tabela anterior, de recusa da correferência.

TABELA 2 — COMPORTAMENTO DOS PARTICIPANTES PARA A CORREFERÊNCIA COM O SUJEITO DA MATRIZ POR TIPO DE SENTENÇA

	Aceitaram a correferência	Recusaram a correferência	50/50	N
Adjunta	16 (47%)	9 (26,5%)	9 (26,5%)	34
Convencer Finita	12 (35,3%)	17 (50%)	5 (14,7%)	34
Convencer Infinitiva	7 (20,6%)	26 (76,5%)	1 (2,9%)	34

Fonte: elaborada pela autora

¹¹ Nas tabelas, os valores p marcados com * são os que foram considerados significativos (todos os valores abaixo de 0.05).

A Tabela 3, a seguir, compara o comportamento das respostas entre os três tipos de sentença, mostrando as respostas recusando a correferência do epíteto com o sujeito da matriz.

TABELA 3 — RESPOSTAS RECUSANDO A CORREFERÊNCIA COM O SUJEITO DA MATRIZ POR TIPO DE SENTENÇA¹²

	* correferência	p	N
Adjunta	0.40 (55)	A/CF: 0.1116 A/CI: 0.09436	136
Convencer Finita	0.54 (73)	CF/A: 0.1116 CF/CI: 0.9343	135
Convencer Infinitiva	0.73 (74)	CI/A: 0.09436 CI/CF: 0.9343	101

Fonte: elaborada pela autora

O teste de qui-quadrado realizado verificou se havia diferença significativa entre os três tipos de sentença quanto às respostas recusando a correferência entre sujeito da matriz e epíteto encaixado. Podemos ver na coluna com os valores de *p* da Tabela 3 que não existiu uma diferença significativa entre os três tipos de sentença, apesar da aceitabilidade geral para as sentenças com orações adjuntas e da indeterminação geral para as sentenças com *convencer* e oração finita vistas na Tabela 1. Assim, essa ausência de contraste aponta que a relação de c-comando influencia a possibilidade de correferência entre o sujeito da matriz e o epíteto encaixado nos três tipos de sentença.

Por fim, a Tabela 4, a seguir, apresenta o comportamento dos tipos de resposta para cada tipo de sentença, se os participantes escolheram a opção *antecedente na sentença*, *ambos os antecedentes* ou *antecedente fora da sentença*. Compararei as respostas que aceitaram apenas a correferência com o sujeito da matriz (opção *antecedente na sentença*) com as respostas que aceitaram apenas a correferência extrassentencial, recusando o sujeito da matriz como antecedente do epíteto (opção *antecedente fora da sentença*).¹³ O teste de qui-quadrado realizado verificou se havia diferença significativa entre essas duas opções de resposta.

TABELA 4 — TIPOS DE RESPOSTA PARA O SUJEITO DA MATRIZ POR TIPO DE SENTENÇA

	Antecedente na sentença (✓correferência)	Ambos os antecedentes (✓correferência)	Antecedente fora da sentença (* correferência)	p
Adjunta	0.17 (23)	0.43 (58)	0.40 (55)	0.0002909*
Convencer Finita	0.14 (20)	0.32 (42)	0.54 (73)	3.888e-08*
Convencer Infinitiva	0.07 (7)	0.20 (20)	0.73 (74)	9.735e-14*

Fonte: elaborada pela autora

12 A: Adjunta; CF: *Convencer* Finita; CI: *Convencer* Infinitiva.

13 Quanto aos números da Tabela 4 que tratam das respostas aceitando tanto a correferência intrassentencial quanto a extrassentencial (a opção *ambos os antecedentes*), sugiro que uma maior ou menor sensibilidade dos participantes a restrições de ordem semântica/pragmática, como a de *juiz*, trabalhada por Patel-Grosz (2012) para os epítetos, e a *Repeated Name Condition* de Johnson (2019), podem ser responsáveis por explicá-los.

Apesar de a Tabela 1 ter mostrado que a correferência entre sujeito da matriz e epíteto foi, de forma geral, aceita nas sentenças com orações adjuntas, a Tabela 4 mostra que existiu um alto número (55) de respostas escolhendo a correferência extrassentencial nesses estímulos, recusando a correferência com o sujeito da matriz. Esse número é significativamente maior do que o número de respostas escolhendo o antecedente na sentença e aceitando a correferência com o sujeito da matriz.

Para as sentenças com *convencer* e oração finita, a Tabela 1 e a Tabela 2 mostraram um quadro geral de indeterminação, mas a Tabela 4 mostra que o número de respostas escolhendo o antecedente fora da sentença como opção, recusando a correferência com o sujeito da matriz, foi significativamente maior do que o número de respostas escolhendo a opção *antecedente na sentença* e aceitando a correferência intrassentencial. Esse resultado aponta para uma preferência pela correferência extrassentencial nesses estímulos.

Para as sentenças com *convencer* e oração infinitiva, a Tabela 4 mostra que o número de respostas escolhendo o antecedente fora da sentença como opção, recusando a correferência intrassentencial, foi significativamente maior do que o número de respostas escolhendo o antecedente na sentença. Esse resultado corrobora os apresentados nas tabelas anteriores.

Resumindo, para as sentenças com oração adjunta, houve uma aceitabilidade geral da correferência entre epíteto e sujeito da matriz (cf. Tabela 1), mas, pondo de lado as respostas admitindo ambos os antecedentes, a preferência pelo antecedente extrassentencial foi significativamente maior que a preferência pelo antecedente na sentença (cf. Tabela 4). Para as sentenças com *convencer* e oração finita, tivemos um quadro de indeterminação no comportamento geral das respostas e no dos participantes, mas o comportamento do tipo de respostas aponta para uma preferência pela correferência extrassentencial nesses estímulos. Por fim, a correferência foi, de forma geral, recusada nas sentenças com *convencer* e oração infinitiva, e o comportamento dos participantes e dos tipos de resposta corrobora esse resultado. Se *c*-comando fosse uma condição categórica para a distribuição dos epítetos, não esperaríamos ter a aceitabilidade geral encontrada para as sentenças com oração adjunta, nem o quadro geral de indeterminação para as sentenças com *convencer* e oração finita, visto que estou assumindo que o sujeito da matriz *c*-comanda a oração subordinada tanto nessas sentenças como nas com *convencer* e oração infinitiva. Assim, os resultados do experimento apontam que apenas a noção de *c*-comando não é suficiente para explicar o comportamento dos epítetos.

Entretanto, quando focamos na Tabela 3 e na Tabela 4, vemos que não houve contraste entre os três tipos de sentença quanto à recusa do seu sujeito como antecedente do epíteto e que, para os três, o número de respostas recusando o sujeito da matriz como antecedente do epíteto foi significativamente maior do que o número de respostas escolhendo a correferência intrassentencial como a única possível. Proponho que o fato de os sujeitos da matriz *c*-comandarem o epíteto é o responsável por esse resultado.

Em suma, baseando-me nos resultados aqui apresentados, proponho que, apesar de c-comando não ser uma condição categórica e não ser suficiente para explicar a distribuição dos epítetos, esses elementos apresentam sensibilidade a configurações de c-comando (mesmo as não locais), restringindo a possibilidade de correferência com antecedentes c-comandantes. Dessa forma, as análises que se propõem a explicar o comportamento dos epítetos devem, de alguma forma, incluir essa noção sintática.

Recordemos que a sentença (5), a seguir, foi apresentada por Modesto (2011) para questionar se a correferência com epítetos poderia ser usada como diagnóstico para relações de c-comando.

(5) O Maluf convenceu o Diogo que o desgraçado era o melhor candidato.

A Figura 1 mostra como a sentença foi apresentada aos participantes no formulário respondido por eles em uma folha impressa, ao final do experimento.¹⁴ A Tabela 5 apresenta as respostas obtidas para essa sentença.

FIGURA 1 — PARTE DO FORMULÁRIO IMPRESSO EM QUE A SENTENÇA DE MODESTO (2011) FOI APRESENTADA AOS PARTICIPANTES

SUJEITO ____

Ops!
Esquecemos de uma frase.

O Maluf convenceu o Diogo que o desgraçado era o melhor candidato.

Quem era o melhor candidato?

____o Maluf ____o Diogo ____outra pessoa

Fonte: elaborada pela autora

TABELA 5 — RESPOSTAS PARA A SENTENÇA DE MODESTO (2011)

Outra pessoa	Objeto	Sujeito	Todas as opções	<i>p</i>	N
0.59 (19)	0.125 (4)	0.16 (5)	0.125 (4)	0.0001506 *	32

Fonte: elaborada pela autora

Como vemos na Tabela 5, a opção *outra pessoa* foi significativamente mais escolhida como antecedente para o epíteto encaixado de (5). O número de respostas escolhendo o sujeito da matriz, *o Maluf*, o objeto, *o Diogo*, ou todas as opções (*o Maluf*, *o Diogo*, *outra pessoa*) foi baixo. Dada a fama de corrupto do político brasileiro Maluf, deveria haver um viés

¹⁴ A sentença foi apresentada de forma separada, pois a intenção era mantê-la da forma reportada por Modesto (2011) e incluir uma sentença com o nome *o Maluf* no experimento poderia criar ruídos em todo o *design*.

pragmático para interpretá-lo como o antecedente do epíteto e, diante disso, esperaríamos obter uma correferência majoritária do epíteto com o sujeito da matriz, a qual Modesto (2011) julgou possível. No entanto, a Tabela 5 mostra que, apesar desse viés pragmático, os participantes recusaram a correferência, exibindo, portanto, sensibilidade à relação de c-comando entre sujeito da matriz e epíteto encaixado.

4 CONCLUSÕES

Neste trabalho, discuti como os resultados do experimento apresentado apontam que, mesmo não sendo a única condição regulando a ocorrência dos epítetos, c-comando restringe a correferência entre epítetos e antecedentes na sentença. Foi possível verificar esse comportamento na preferência por uma correferência extrassentencial nos três tipos de sentença do experimento (cf. Tabela 4), na ausência de contraste entre as respostas para a correferência com o sujeito da matriz nos três tipos de sentença do experimento (cf. Tabela 3) e nos resultados para a sentença de Modesto (2011), que mostraram que, apesar do viés pragmático do nome *Maluf*, o fato desse potencial antecedente c-comandar o epíteto fez com que a correferência entre eles fosse majoritariamente recusada.

Dessa forma, concluo que análises para os epítetos que considerem tanto restrições semânticas/pragmáticas quanto uma restrição em termos de c-comando estão em vantagem, pois estou de acordo com a afirmação de Patel-Grosz (2012) de que, graças ao seu caráter avaliativo/atributivo, epítetos são uma questão de interface sintático-semântica/pragmática.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981. 371p.

COELHO, C. *O comportamento de epítetos com convencer: evidência experimental sobre o sujeito nulo do português brasileiro*. 2019. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

DUBINSKY, S.; HAMILTON, R. Epithets as antilogophoric pronouns. *Linguistic Inquiry*, v. 29, n. 4, p. 685-693, 1998.

FERREIRA, M. *Argumentos nulos em português brasileiro*. 2000. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

JOHNSON, K. *Principle C*. Manuscrito não publicado, 2019.

LASNIK, H. Remarks on Coreference. *Linguistic Analysis*, v. 2, p. 1-22, 1976.

LASNIK, H. On the Necessity of Binding Conditions. In: LASNIK, H. *Essays on Anaphora*. Dordrecht: Kluwer, 1989, p. 149-167.

MODESTO, M. Finite control: Where movement goes wrong in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 10, n. 2, p. 3-30, 2011.

NUNES, J. Edge features legitimando movimento-A. *ReVEL*, especial edition 7, p. 35-50, 2013.

PATEL-GROSZ, P. *(Anti-)Locality at the interfaces*. 2012. Tese (Doctor of Linguistics) - Department of Linguistics and Philosophy, MIT, Cambridge, 2012.

RODRIGUES, C. *Impoverished Morphology and A-movement out of Case Domains*. 2004. Tese (Doctor of Linguistics) – Department of Linguistics, University of Maryland, College Park, 2004.

Squib recebido em 17 de maio de 2020.

Squib aceito em 25 de agosto de 2020.